

## **Arte e refundação nacional no Brasil e em Portugal em fins do séc. XIX: estética e política nas obras de Almeida Júnior e José Malhoa**

Weslei E. Rodrigues

Almeida Júnior e José Malhoa formaram-se pintores e produziram no exato momento de viragem de um paradigma do ensino artístico. Rigorosamente da mesma geração (nascidos na década de 1850), ambos estudaram nas respectivas academias de arte de seus países entre o final da década de 1860 e meados da década de 1870 e chegaram à maturidade artística justamente no auge da supracitada crise acadêmica. Em meio a esse processo, foram assumindo posições que ora os afastaram das academias e os colocaram diante da necessidade de formar um público consumidor para suas obras, ora os reaproximaram das instituições, sobretudo na ocasião das exposições gerais, que garantiam grande visibilidade.

No polo brasileiro da análise o foco recai sobre São Paulo e sua elite endinheirada pela cafeicultura. Mais do que a expansão do colecionismo, essa nova elite conduziu um projeto político-cultural que tinha como objetivo dar a São Paulo a preeminência nacional não apenas no âmbito econômico. Almeida Júnior, por sua parte, estava atrelado ao projeto cultural paulista e ao grupo que o encetava e, como parte ativa no processo, o proveu de imagens.

Em Portugal, como no Brasil, avizinhava-se a República. Com ela, a necessidade de narrar a história de um outro modo, discriminar raízes que não fossem relativas à monarquia. Mas não apenas: o desgaste latente do modelo de ensino da Real Academia de Belas-Artes de Lisboa ganhava contundência no esteio de artistas que espelhavam na prática preceitos teóricos preconizados por uma crítica que então se especializava. Nas duas últimas décadas do século, essa crítica passa a exaltar Malhoa como aquele que melhor expressava o nacional por meio da arte. Ou seja, a obra de arte passa cada vez mais a ser analisada e apreciada por sua capacidade de representar certa concepção da nação.

O que procuro comparar são, portanto, as respostas estéticas que Malhoa e Almeida Júnior ofereceram à conjuntura política. Considerando que os campos artísticos têm histórias atreladas às histórias nacionais, então a comparação aqui empreendida entende que “as identidades nacionais são resultados de um mesmo modelo, fundamentalmente transnacional. Elas são assim bem específicas – essa é sua função – mas comparáveis termo a termo” (Thiesse, 2000: 61). Da comparação espero obter tanto uma melhor compreensão dos universos artísticos nacionais, quanto uma percepção apurada das interações e trânsitos internacionais que não poderiam ser notados em abordagens isoladas.